

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: Waimiri - Atoari

Data: 12/08/94 Pg.: 429

CIÊNCIA & CULTURA

O desafio de uma experiência

■ Estudante da UFPE mergulha no universo indígena do Waimiri-Atoari

Com o trabalho *A Fonologia e Alguns Aspectos Morfológicos da Língua Waimiri-Atoari*, a estudante de Biblioteconomia e vinculada ao Núcleo de Estudos Indígenas da Universidade Federal de Pernambuco, Ana Carla dos Santos Bruno, 22 anos, recebeu o prêmio *Jovem Cientista*, como primeiro lugar na área de Comunicação e Artes. Segundo a estudante, com o estudo da língua, falada na região amazônica, foi possível definir fonemas e aspectos importantes, tanto morfológicos como sintáticos, do Waimiri-Atoari, que facilitam no processo de alfabetização. "Torna-se mais fácil também entender o comportamento e a forma como os índios encaram o mundo", diz. Ela concluiu em seu trabalho que a língua tem seis fonemas vocálicos e 17 consonantais. "Mas ainda existem aspectos morfológicos a pesquisar".

Experiência — O trabalho de Ana Carla é fruto de uma experiência vivida por ela entre os meses de março de 91 e fevereiro de 93, em duas aldeias no Norte do Amazonas e Sul de Roraima. Durante quase dois anos, trabalhou com cerca de 60 índios alfabetizando em sua língua materna, o Waimiri-Atoari, nas aldeias *Paryry* e *Alalai*. Ana Carla foi para a região através do *Programa Waimiri-Atoari*, de um convênio da Eletronorte e Funai. Ela revela que entrou no programa sem saber falar a língua. "Era preciso ter conhecimentos mínimos de linguística para participar do projeto", diz. Aprendeu a língua com as mulheres com quem passava a

maior parte do dia executando as tarefas consideradas femininas. De acordo com Ana Carla, as mulheres da aldeia não falam Português, só os homens.

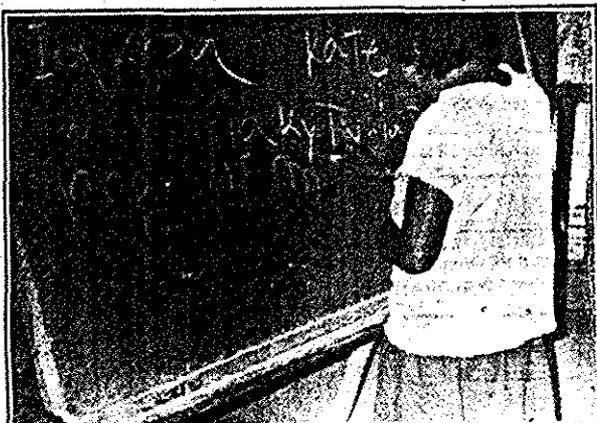
Pode parecer estranho que uma

pessoa alfabetize em uma língua que nem ao menos conhece. Mas a estudante explica que as dificuldades são apenas iniciais. A necessidade de se comunicar para sobreviver implica no aprendizado. Ana Carla ensinava aos índios quais as letras correspondentes aos sons e, dessa forma, eles aprendiam a colocar no papel suas idéias e pensamentos. "Ao mesmo tempo que

ensinava, ia aumentando o vocabulário com os trabalhos apresentados pelos alunos", afirma.

Ela considera que as mulheres têm mais dificuldades para aprender porque precisam cuidar das crianças e do marido. "Todos se mostravam muito interessados em estudar, apenas os velhos ficavam indiferentes", esclarece.

Para a estudante, é importante ensinar a ler e escrever na língua materna porque garante a sobrevivência do idioma e preserva a identidade. Segundo Ana Carla, depois que o índio é alfabetizado em sua própria língua, fica mais fácil aprender o Português. Mesmo já conhecendo as dificuldades para trabalhar na região, onde até doenças contraiu, Ana Carla pretende retomar o trabalho com os índios no Amazonas no final deste ano. Seu pensamento é dedicar a vida a eles. É o que se pode chamar de abnegação.



Os índios são alfabetizados em sua própria língua



As mulheres índias tiveram menos tempo de aprender



Ana Carla: muito a pesquisar